



**27 DE MAIO
EM ANGOLA**

O CRIME DA TRAIÇÃO



ERRATA

Algumas gralhas no texto alteram ou não deixam perceber bem o sentido do texto. Assim os camaradas deverão corrigir as que abaixo indicamos:

- Na página 2 linha 6, onde se lê extrair deve ler-se extrair
" " 4 " 21, " " " sociedade deve ler-se sociedade
" " 5 " 11, " " " organismo " " organismos
" " 7 " 3, " " " com sua própria deve ler-se como
sua própria
" " 7 " 19 " " " revoam deve ler-se revelam
" " 7 " 23 deve-se colocar um ponto e vírgula após a palavra
fraccionistas
" " 7, " 25, onde se lê levando-os também a eles atitudes de
indiciplina, deve ler-se levando-os, também a eles, a atitudes de indiciplina
Na página 7, linha 27 onde se lê confusionismo ideológico schressal, deve
lêr-se confusionismo ideológico schressal
Na página 8, linha 19, onde se lê ...de massas e de desmascaramento um amplo
trabalho... deve lêr-se ...de massas a um amplo trabalho...
Na página 13, linha 18, onde se lê clandestijos, deve lêr-se clandestinos
" " 14, " 9, " " " "marxista-leninista autênticos" deve
lêr-se "marxistas-leninistas autênticos"
Na página 14, linha 28 onde se lê ligitivar deve lêr-se legitimar

27 DE MAIO EM ANGOLA

O CRIME DA AMBIÇÃO

Às 13.30 do dia 27 de Maio de 1977 a Rádio Nacional de Angola divulgava o seguinte comunicado do Bureau Político do Comité Central do MPLA

*Militantes do MPLA

Povo angolano

População de Luanda.

Agitadores a soldo do imperialismo internacional e da reacção interna, têm procurado desde as primeiras horas da manhã, provocar uma situação de confusão e de destruição, desorientando o Povo com palavras de ordem contra-revolucionárias.

Tendo conseguido por alguns momentos, infiltrar na Rádio Nacional alguns dos seus conhecidos agentes, utilizando Nito Alves como bandeira, procuraram arrastar o Povo de Luanda para manifestações insensatas contra o Governo da R.P.A. não hesitando, para isso, em utilizar o nome do M.P.L.A..

O Comité Central do MPLA e todos os militantes honestos, o Estado Maior Geral das FAPLA, o Governo da República Popular de Angola, unidos em torno do líder incontestável da Revolução angolana, camarada Presidente Agostinho Neto proclamam que controlam a situação (...).

Tinha assim início a sequência das informações e declarações que à medida da sua difusão iam permitindo ao povo angolano compreender em toda a sua horrosa extensão a trama de traições e crimes urdida por um punhado de fraccionistas, infiltrados no seio do M.P.L.A..

Num momento em que o povo angolano sofria na sua carne a agressão sul-africana e a de seus agentes e aliados da UNITA, FINA e FLEC esse grupo de fraccionista não hesitou em expôr cobardemente a segurança interna e externa do seu país, apenas para procurar saciar a sua desmesurada ambição pelo poder, a coberto duma fraseologia pretensamente revolucionária, mas cometendo crimes que nada ficaram a dever aos perpetrados pela UNITA/FINLA durante a segunda guerra de libertação de Angola.

O imperialismo e a reacção têm mil faces atrás das quais se escondem para levar adiante os seus desígnios de opressão e exploração. As frases bonitas e os fingidos apelos aos clássicos revolucionários sui

tas vezes não passem de diversionismo e agitação aberta contra os verdadeiros processos revolucionários. Os métodos empregados em mais esta tentativa de destruir uma organização irmã a que nos unem laços históricos indissolúveis devem, para além de servir de ilustração dum método de subversão, fazer aguçar o nosso sentido de vigilância.

Do doloroso exemplo do MPLA devemos extrair as lições que se impõem. Devemos sobretudo reforçar a coesão e a disciplina no seio do Partido e combater energicamente os desvios e a ambição que possam surgir. A Resolução do CEL de 3 de Maio de 1976 era categórica ao alertar os militantes para o perigo que podem representar práticas incorrectas que, oriando a confusão, fazem objectivamente o jogo do imperialismo e apelava para o combate implacável, no seio do Partido, à magia e ao revolucionarismo barato que promete o que, no imediato não se pode realizar. No mesmo documento, o CEL rejeitava com igual força, tudo o que possa comportar vinculação a organizações políticas estrangeiras, o que é incompatível com a qualidade de militante do PAIGC.

A leitura do documento que ora apresentamos mostrará o quanto o 27 de Maio foi fruto dos erros para os quais chamava a atenção dos militantes do nosso Partido a Resolução do CEL.

A unidade e a solidariedade de todos os militantes entre si e à volta da Direcção do Partido, e em particular do camarada Secretário-Geral, é condição imprescindível para o desenvolvimento favorável da luta pela consolidação da nossa independência nacional, pela conquista da nossa independência económica e pela garantia da paz e de felicidade dos povos da Guiné e Cabo Verde.

O presente documento, baseado principalmente em extractos recolhidos do diário luandense "Jornal de Angola" destina-se à informação e à reflexão dos militantes do Partido sobre as causas que levaram ao 27 de Maio em Luanda.

O Departamento de Organização e Ideologia
da CMCV do PAIGC

A 21 de Maio de 1977 terminava a reunião do Comité Central do MPLA que em seguida difundia o seguinte comunicado:

" O Comité Central do MPLA reuniu-se de 20 a 21 de Maio de 1977 na cidade de Luanda, para analisar problemas decorrentes de actividades fraccionistas.

Depois de ouvido o Relatório da Comissão de Inquérito nomeada para o efeito pelo III Plenário do Comité Central e tendo-se debruçado profundamente sobre a problemática de fraccionismo e seus reflexos no seio do MPLA e do Povo, constatou:

a) A existência, de facto, do fraccionismo.

b) Que este fraccionismo apresentando-se com uma capa aparentemente revolucionária visa realmente dividir o MPLA e desviar consequentemente o Povo dos verdadeiros objectivos da etapa actual da luta: A Reconstrução Nacional e a Defesa da Integridade territorial do País, contra o Imperialismo.

c) A difusão de ideias erradas no seio dos militantes e do Povo e a fomentação de actividades agitadoras contra membros do Comité Central, organismos do Estado e do MPLA, tais como a DISA e o Bureau Político com objectivo de abalar a coesão do MPLA e a unidade da Nação.

d) Que esta actividade fraccionista é dirigida pelos camaradas ALVES BERNARDO BAPTISTA (NITO ALVES) e JOSÉ JACINTO DA SILVA VIEIRA DIAS VAN-DÛNEN (ZÉ VAN-DÛNEN) e outros.

Após longo debate com base nos princípios estatutários do MPLA em que não se verificou da parte dos camaradas acusados a aceitação da auto-crítica o Comité Central decidiu:

Afastar das suas funções de membros do Comité Central os camaradas ALVES BERNARDO BAPTISTA (NITO ALVES) e JOSÉ JACINTO DA SILVA VIEIRA DIAS VAN-DÛNEN (ZÉ VAN-DÛNEN);

A decisão vinha na sequência dum inquérito ordenado pela Direcção do MPLA quanto às actividades dum grupo existente no seio do Movimento e cujas raízes mergulham no período após o 25 de Abril em Luanda.

Através duma activa e persistente acção clandestina esse grupo vinha preparando a queda da direcção histórica do MPLA: com efeito, para melhor reforçar a sua influência sobre a organização do Movimento em Luanda, Nito alves e seu grupo procuraram atrasar a entrada dos principais dirigentes na capital, em Novembro de 1974, sob o pretexto de que

não existiam condições de segurança.

Reunindo ex-prisioneiros do campo de concentração de S. Nicolau e alguns responsáveis da 1.^a Região Militar o grupo de Nito Alves e Van-Dúnem desenvolveu um intenso trabalho no sentido da criação duma organização paralela ao MPLA.

Fingindo pôr na prática e com dedicação as decisões da Direcção do MPLA, na verdade os fraccionistas tentavam arrestar o Movimento para posições extremistas, falsamente revolucionárias e inspiradas em experiências de países cuja realidade é totalmente diferente da de Angola.

A ascensão dos dois chefes fraccionistas ao Comité Central do MPLA permitiu ao grupo um certo à-vontade que de início se revelou na perseguição e desmantelamento de grupos rivais, nomeadamente no período em que Nito Alves era Ministro de Administração Interna.

Porém a actividade fraccionista não poderia deixar de ser sentida pela Direcção do MPLA que viria a afastar Nito Alves do Governo e adoptar medidas de saneamento em relação a outros fraccionistas. Estes porém não desistem das suas ambições e continuam cada vez mais activos procurando controlar as organizações do Movimento, das FAPLA e das organizações de Massas. A situação evolui a ponto de ser ordenado um inquérito às actividades do grupo, inquérito cujos resultados provam à sociedade que Nito Alves, Van-Dúnem, Cita Vales e outros desenvolviam uma bem organizada actividade conspirativa contra o MPLA.

A reunião do Comité Central de 21 de Maio de 1977, ao expulsar os dois chefes fraccionistas desse órgão directivo vibra um golpe poderoso nos seus planos.

No "Comunicado sobre o fraccionismo" o Bureau Político do MPLA esclarecia os métodos e os objectivos do grupo de Nito Alves/Van-Dúnem:

"...há um tempo para cá, ao mesmo tempo que o imperialismo procura infiltrar os seus agentes armados, outras forças se manifestam que procuram fomentar o divisionismo no nosso Povo, não são explorando preconceitos tribais, regionais ou raciais, mas fomentando sobretudo o confusionalismo ideológico.

Para fomentar o divisionismo no seio do nosso Povo muito têm contribuído grupos fraccionistas que, à semelhança do que já aconteceu no passado, desenvolvem uma actividade a coberto do MPLA mas fora das suas estruturas, procurando contestar a linha política do Movimento, o seu Comité Central e o Governo da RPA.

Os componentes dessas frações quase sempre revelam uma fraca consciência política e ideológica, um espírito de grandes sabedores e de grandes teóricos, papagueiam muitas palavras de difícil entendimento para o nosso Povo, não contribuem para o estudo e para a solução dos problemas concretos mais prementes, adulteram a dinâmica da luta de classes em proveito de si próprios e não em proveito das classes que dizem defender.

O fraccionismo, que é um mal que ocorre em todos os partidos revolucionários, manifesta-se sobretudo pelo aparecimento de grupelhos de ambiciosos e oportunistas, procurando contestar, sob pretextos diversos, a orientação dos organismos dirigentes, falsificar o conteúdo da linha política do MPLA e lutar pela hegemonia e pelo controle de toda a organização.

O fraccionismo exprime-se pelo desprezo fundamental dos princípios do centralismo democrático que, numa organização revolucionária obrigam ao cumprimento das decisões da maioria, mesmo pelas minorias discordantes.

O fraccionismo procura minar a confiança das massas nos dirigentes, utilizando a calúnia ou explorando as dificuldades que ainda existam na produção, no abastecimento, nos transportes, na educação, na saúde. Em vez de procurar contribuir para melhorar os diferentes sectores em que se processa a reconstrução nacional, o fraccionismo sabota as medidas positivas procurando provocar assim o descontentamento das massas.

O fraccionismo utiliza a verborreia pseudo-revolucionária para confundir as massas e esconder a incapacidade dos fraccionistas de se dedicarem à solução dos problemas mais urgentes que afligem o nosso Povo, como a defesa do País contra as actuais provocações e infiltrações armadas, o aumento da produção e a melhoria da distribuição dos bens essenciais, a reorganização da saúde e da educação e revalorização da cultura nacional.

À semelhança do que já fizeram os fraccionistas de outras épocas, os novos fraccionistas utilizam a sua condição de militantes para insidiosamente desvirtuar as orientações dos órgãos de direcção, caluniar os dirigentes e criar estruturas clandestinas que procuram sobrepor a

sua acção é dos verdadeiros Grupos de Acção ou Comitês de Acção, a quem procuram conquistar para a sua actividade fraccionista.

Os novos fraccionistas conseguiram montar uma organização clandestina a partir de um "Secretariado" criado no antigo DON Nacional pelo camarada Nito Alves. Esse "Secretariado" dirigido por Cita Vales, recrutou "activistas" que, após uma preparação especial, iniciaram um trabalho de organização rigorosamente clandestino, cuja estrutura só mais tarde se veio a descobrir. Essa estrutura tocava todos os sectores de Luanda, desde o sector operário ao sector bairros e ramificava-se por algumas províncias, organizações de massas e forças armadas.

Fingindo combater outros grupos fraccionistas, e escondendo-se sob a capa de um "marxismo-leninismo" verbalista, os novos fraccionistas escondavam-se numa fingida devoção a este ou aquele país amigo, não hesitando mesmo em visitar certas embaixadas onde se empenhavam em caluniar o MPLA e certos militantes e dirigentes do MPLA.

Usando e abusando de uma fraseologia demagógica resultante da leitura mal assimilada dos clássicos do marxismo-leninismo, os novos fraccionistas iludiam as massas e os militantes, classificando este e aquele militante ou este ou aquele dirigente, de "direitista" de "esquerdista", de "maoísta", de "anti-soviético", de "socialista nacional" de "social democrata", camuflando assim a sua ideologia de essência reacção-nária, regionalista e racista.

Os novos fraccionistas aproveitavam algumas reuniões dos Grupos de Acção ou dos Comitês de Acção do MPLA para lançarem a dúvida sobre a justeza da linha política do Movimento e sobre a idoneidade do Comité Central do MPLA, ou sobre o Governo da RPÁ, a quem atribuíam as dificuldades que o País atravessa.

Utilizavam todos os meios para recrutar elementos para a sua estrutura clandestina, que reunia secretamente e dava directivas divisionistas, aproveitando certos factos da vida nacional.

Isso aconteceu por exemplo em plena 3ª guerra de libertação, a 6 de Fevereiro de 1976, quando se iniciava a grande contra-ofensiva sobre as posições sul-africanas, em que a pretexto da suspensão de um programa de rádio denominado "Kudibanguela", não hesitaram em montar uma manifestação de protesto contra o governo. É o mesmo grupo fraccionista que há pouco tempo, a pretexto de uma busca normal em dois bairros, procura lançar as massas contra o Bureau Político, contra as FAPLA, contra o Governo contra a DISA e contra o "Jornal de Angola", sob uma argumentação

oheia de falsidades e de inspiração reaccionária. Foi notório o aproveitamento que a reacção fez de uma tal situação, utilizando os fraccionistas e em particular Nito Alves, com sua própria bandeira.

Isso aconteceu, por exemplo, com elementos como Nito Alves, Galiano e Santos que, violando todas as regras de disciplina partidária, editaram publicações panfletárias em que, uma vez mais, utilizam desvergonhosamente a arma da calúnia para denegrir órgãos do MPLA, do Governo, bem como alguns dirigentes e militantes. Todas essas calúnias nunca foram expostas nas reuniões normais dos diferentes organismos do Movimento. No entanto, tais panfletos foram profusamente distribuídos, comentados e difundidos através das já referidas estruturas clandestinas dos novos fraccionistas. Neles se pretende sobretudo fazer crer que alguns membros do Bureau Político do MPLA são maoístas e anti-soviéticos, numa intenção obscura de abalar a indestrutível amizade que liga o MPLA ao Partido Comunista da União Soviética e o Povo angolano ao Povo soviético. Nito Alves chega a difamar o próprio Comitê Central e, numa atitude de presunção e vaidade, não hesita em falar de uma pesada e inadiável responsabilidade que a história teria colocado sobre os seus ombros.

Os panfletos revelem mesmo que os novos fraccionistas montaram uma "rede de segurança" que procura apoderar-se de documentos secretos que não hesitam divulgar.

Também a JMPLA foi alvo das manobras dos novos fraccionistas instalaram o seu confucionismo ideológico em certos ex-responsáveis da Juventude, levando-os também a elas atitudes de indisciplina e desrespeito pelos órgãos de direcção do MPLA.

Em todo este confucionismo ideológico sobressai uma constante, que é a incapacidade que todos os fraccionistas têm em distinguir o MPLA, um Movimento, de um Partido da classe operária. As numerosas citações que fazem de Lênine referem-se em geral a situações concretas do Partido em determinado condicionamento histórico que nada têm a ver com a ideia que pretendem defender. Deturpam-se assim os clássicos do marxismo-leninismo, prejudicando o benefício que os militantes do MPLA poderiam tirar da sua teoria e prática correctamente analisadas.

Ultimamente, na sua ânsia de pressionar o Comitê Central, os novos fraccionistas revelaram toda a sua estratégia e a sua tática para uma tomada de poder, pondo a descoberto alguns dos seus organismos clandes

tinos em determinadas empresas, no sector da função pública e nos bairros. Caiu a máscara revolucionária, ficou a descoberto a ideologia pequeno-burguesa, tribalista, racista e confusionista que inspirou todo esse processo.

Todos estes problemas foram objecto de profunda análise pelo 5º Plenário do Comité Central que decidiu reforçar a unidade no seio do MPLA e reforçar a unidade nacional, desencadeando prontamente um combate implacável contra o fraccionismo no seio do MPLA e contra o divisionismo no seio do Povo.

Não pode haver um combate sério contra as forças imperialistas nem contra a reacção interna sem um MPLA unido e fortalecido pela coesão ideológica.

Não pode haver um combate sério contra o imperialismo e contra a reacção interna sem uma aplicação correcta dos princípios internacionalistas que o nosso Povo soube assimilar e praticar tão vigorosamente.

O Bureau Político do Comité Central do MPLA engaja todos os militantes e aderentes, todos os combatentes, todos os membros das organizações de massas e de desmascaramento um amplo trabalho de esclarecimento e de desmascaramento dos novos fraccionistas para que, reforçada a unidade, possa todo o MPLA mobilizar-se em torno das actuais tarefas prioritárias no campo da Defesa, da Reconstrução Nacional, da Preparação do Congresso e da criação do Partido marxista-leninista.

Combatendo o fraccionismo deve cada militante dedicar todo o seu esforço, toda a sua capacidade a contribuir para uma melhoria das condições de vida do Povo, em particular no aumento da produção e na normalização da distribuição.

Como disse o Camarada Presidente "que todos os militantes do MPLA, que todos os activistas, que todos os membros dos Comitês e Grupos de Acção, de acordo com as decisões do Comité Central, façam um combate verdadeiro e sério contra todos os fraccionistas que encontrarem no seu caminho".

Por toda Angola desenvolveu-se uma onda de protestos contra a actividade fraccionista e de apoio à Direcção do MPLA, do Governoda República Popular de Angola e do seu Presidente camarada Agostinho Neto. Comícios, manifestações, telegramas e moções de apoio ao Movimento não tiveram aparentemente efeito sobre as desmedidas ambições de Nito Alves e seus seguidores que de há muito se vinham preparando para através da violência reaccionária, derrubar o legítimo Governo de Angola.

Um dos implicados na intentona viria a reconhecer que cito meses antes do golpe fora efectuada uma reunião clandestina em sua casa, da qual participaram Monstro Inortal, Nito Alves, Van-Dúnen e outros.

A preparação do golpe foi feita com minúcia, não tendo sequer faltado um "elemento teórico" que os fraccionistas foram beber no exemplo chileno. Diz o "Jornal de Angola de 8 de Junho de 1977:

"Com o objectivo coincidente de criar uma "falsa consciência", ligada ao predomínio de estados afectivos, a reacção utiliza vários outros processos, sobre uma base já pré-existente de afectividade negativa, conceitos, estereotipos e atitudes.

Entre eles merecem especial atenção o boato, o uso da ironia e do sarcasmo político. Fazem-se todos os esforços para provocar a sugestão em grande escala, incentiva-se a imitação sobretudo de atitudes e acções.

A divulgação de boatos, por exemplo, simultânea ao BOICOTE ECONÓMICO, A SABOTAGEM À PRODUÇÃO E À DISTRIBUIÇÃO - especialmente de artigos de primeira necessidade e grande consumo - provoca o desabastecimento, estimulando o "mercado negro" e açambarcamento. Cria-se uma "psicose de compra". Tudo isso é finalmente identificado com o suposto "fracasso" da política económica do governo". A ironia e o sarcasmo político juntamente com a difamação, a mentira e o hábil aproveitamento dos erros e dificuldades que possam existir, desprestigiam a política do governo, deformam a imagem dos quadros dirigentes da revolução. (...)

Será exagerado pensar que a contra-revolução liderada por Nito Alves bebeu nesta fonte as técnicas do golpe de estado fracassado de 27 de Maio. Aliás, a data em que o livro foi oferecido ao "Monstro" pelo traidor Fortunato, já os planos se encontravam em adiantada fase de execução.

As primeiras reuniões clandestinas coincidem, praticamente, com os primeiros ataques, em certas comissões de bairro, ao Jornal de Angola, considerado por eles como o elo mais fraco da grande corrente que é o MPLA.

Por outro lado, há quem tenha uma larga experiência prática das situações, que o livro denuncia e esquematiza - o imperialismo internacional.

Em Fevereiro deste ano, já o clima de agressão e sabotagem estava em profundo desenvolvimento, com nitistas infiltrados em posições-chave de todas as estruturas.

O boicote à produção e à distribuição de gêneros de primeira necessidade já era, nessa altura, uma dolorosa realidade, afectando profundamente às grandes massas. Aqui, além da mão de responsáveis a nível ministerial (Comércio Interno), encontramos também a acção negativa de algumas comissões de bairro, que impediram, por todos os meios ao seu alcance, a abertura de Lojas do Povo, enquanto as cooperativas de bairro não correspondiam ao que delas se exigia.

A situação dos abastecimentos agravou-se ainda devido a boicotes a nível provincial - o caso de Malanje já é conhecido - onde continuam na mão dos camponeses produções de há dois e três anos.

A "peçosa de compra" estava não só criada como era devidamente explorada, junto das massas populares pelos reaccionários nitistas.

A sabotagem da produção industrial corria paralelamente, corrompendo ainda mais a situação.

O aparelho de Estado estava completamente minado, por estes "ultra-revolucionários" que vão prestar, agora, contas ao Povo pelos crimes praticados.

"O boato, o uso da ironia e o sarcasmo político" também foram utilizados pelos nitistas, na sua campanha contra-revolucionária e anti-popular.

Num aproveitamento ignóbil das dificuldades económicas por eles próprias criadas, os nitistas utilizaram, vastamente, essas processões para desacreditar, junto do Povo, as estruturas governamentais. Faziam constar que os ministros viviam burguesamente, enquanto o Povo passava fome. Levantavam calúnias contra os dirigentes do MPLA considerados de "direita" e contra o próprio Camarada Presidente, de quem o menos que diziam era "foi muito bom durante o tempo da guerrilha:mas...".

No "Diário de Luanda" e na Rádio Nacional dizia-se, com duplo sentido "é preciso substituir o velho pelo novo" enquanto se promovia si-

to Alves através de todos os processos conhecidos.

A utilização de elementos "esquerdistas" estrangeiros no nosso país, e de meios "esquerdistas" em Portugal e noutros países estrangeiros, tanto na acção de propaganda como noutras, já foi denunciada neste jornal.

A expulsão de Nito Alves e de Lê Van-Dünen do Comité Central do MPLA e a declaração da existência de um movimento fracccionista, por parte daquele alto órgão do MPLA, veio apressar o desencadeamento da tentativa de golpe de estado, desde há longos meses preparada.

Esteve para ser a 25, depois a 26 e deu-se, finalmente, a 27. Foi antecedida, como sabemos, por uma campanha de agitação directa das massas populares, através de assim chamadas assembleias populares, em alguns bairros de Luanda.

A comparência a essas assembleias foi mínima, por parte dos habitantes dos bairros, apesar de estarem desde há longo tempo submetidos a um verdadeiro "fogo de barragem" da propaganda nitista.

Não dispomos, ainda, de elementos suficientes para analisar as intenções de Nito Alves ao querer, ainda como Ministro de Interior, fazer a eleição destes órgãos do Poder Popular sem que, para isso, estivessem criadas as condições mínimas necessárias.

Desmascarada a insistência de um verdadeiro esclarecimento popular sobre este acto eleitoral fundamental - através de uma série de inquéritos publicados pelo "J.A." - Nito foi forçado a adiá-las, sob um pretexto de ocasião. Os leitores estarão recordados de que esse pretexto foi o desencadeamento de uma onda de movimentos reivindicativos, numa série de unidades industriais da cintura de Luanda - onda provocada por estruturas que se sabe, agora, estarem comprometidas na intentona reacçãoária.

Realizadas as eleições, verificou-se - os números estão publicados - uma fraquíssima participação de eleitores, na grande maioria dos bairros.

Nesmo assim, Nito e a sua camarilha nunca conseguiram dominar completamente todas as CPB, nem através do "secretariado" que o Betinho criou. Obteve, no entanto, uma base que julgou suficiente para os seus planos.

Também lhe coube, como Ministro de Interior, a indicação dos Comissários Provinciais, incluindo o de Luanda...

Apesar de toda a agitação, apesar de todas as manobras, do apam-
barcoamento e do estrangulamento dos produtos essenciais, os aventurei-
ros nunca conseguiram voltar as massas de Luanda contra o MPLA, de que
abusivamente utilizaram o nome e as palavras de ordem, nem contra o ca-
marada Presidente Agostinho Neto, que tiveram a inteligência de não a-
tacar directamente nem nos "comícios" nem nas horas de verborreia reac-
cionária na Rádio Nacional.

Uma das últimas citações do livro de Domic, sublinhadas pelo "Mon-
stro" são:

"Todas as acções contra-revolucionárias que obtiveram êxito levam
o inconfundível selo da barbárie e dos procedimentos fascistas".

Os corpos carbonizados dos nossos camaradas combatentes leais e
firmes de duas guerras de libertação, vão ao sábado a sepultura.

O inconfundível selo barbárie e dos procedimentos fascistas da ca-
marilha nitista está aí bem patente.

Alusivamente, a dedicatória do livro oferecido pelo ex-Comissário
Provincial de Luanda ao conspirador "Monstro Imortal", recomendava a
sua leitura para "desenvolver a luta na presente fase."

O facto de os nitistas terem agravado a situação dos abastecimen-
tos em Luanda, por meio de sabotagem na distribuição para provocar o
descontentamento geral, é um elemento importante que permite verificar
a convergência dos métodos dos fraccionistas com a de outros contra-re-
volucionários. Pedro Fortunato ex-Comissário Provincial de Luanda a-
firmou aos órgãos de informação:

"No que respeita às dificuldades actuais, havia um plano de engarra-
famento e sabotagem da distribuição de abastecimentos. Quem dava cola-
boração nesse engarrafamento era o camarada Minerva (Ministro do Comér-
cio)."

O clima de descontentamento que se procurava criar deveria estender-
-se às FAPLA. Uma das acções em marcha foi a retenção nos cofres dos
quartéis de muitos milhões de quanzas destinados ao pagamento dos sol-
dados a quem se fazia crer que a culpa do não-pagamento pertencia aos
dirigentes das Forças Armadas e em particular do Ministro da Defesa.

Paralelamente desenvolvia-se a formação de organizações clandesti-
nas paralelas para os quais se procuravam arrastar os jovens, atraíndo-
-os com uma fraseologia oca mas de aparência revolucionária.

Diz o Jornal de Angola:

"Os verdadeiros militantes revolucionários da clandestinidade, apenas o MPLA se instalou em Luanda à luz do dia, abandonaram a sua clandestinidade e integraram-se na estrutura do Movimento. Completaram assim mais um factor de unidade racional. Só não se uniram a esta ideia fundamental da unidade nacional os grupos espúreos dos Fortunate, dos Betinhos, das Citas Vales e de alguns mais porque nada tinham, nada têm de comum com a Revolução Angolana.

Diz o Jornal de Angola:

"Os verdadeiros militantes revolucionários da clandestinidade, apenas o MPLA se instalou em Luanda à luz do dia, abandonaram a sua clandestinidade e integraram-se na estrutura do Movimento. Completaram assim mais um factor de unidade e esta ideia fundamental da unidade nacional os grupos espúreos dos Fortunatos, dos Betinhos, das Cintas Vales e de alguns mais porque nada tinham, nada têm de comum com a Revolução Angolana.

Estes tacticamente introduziram alguns dos seus agentes palavrosos. Prepararam o material para lançar o seu chefe no seio do MPLA, a fim de o destruírem. Vieram de todos os horizontes com o rótulo de esquerdistas, de marxistas, de revolucionários, mas na realidade tratava-se de reactivados agentes da reacção, senão mesmo do fascismo e da Pide."

João Azevedo, implicado nos acontecimentos declarou:

"O grupo clandestino a que eu pertencia era composto por quatro elementos. Uma vez fui chamado ao Sambizanga e informado aí que deveria formar grupos clandestinos, que esses grupos clandestinos já existiam em quase todos os bairros e que era necessário criá-los no nosso bairro também".

"(...) Uma vez tive a informação de que Nito Alves ia dar um "curso de Marxismo-leninismo" e que esse curso seria ministrado não por Nito Alves mas por professores portugueses (...) era um curso clandestino que seria dado nos bairros de Luanda (...)

"(...) Nenhum de nós tinha mais de vinte e três anos de idade (...).

"(...) Houve um camarada que analisou a situação e disse que através da agitação conseguida com as assembleias populares nos bairros de Luanda, o povo havia aderido a uma série de reivindicações.

Dado que não tinha sido dada qualquer resposta a estas reivindicações, então segundo o que foi lá tratado na reunião, a linha de pensamento era que o povo devia obter aquilo que tinha pedido, não já pela forma de assembleias populares (...) mas que devia agora obter de forma violenta aquilo que tinha exigido através de assembleias populares.

Então os camaradas que estavam lá comunicaram que na madrugada do dia 27 os militares haviam de se levantar para "pedir a reestruturação" da Rádio Nacional (...) e para tomar as cadeias de Luanda (...). Ele explicou que seriam as cadeias e a RNA que seriam atacadas na medida

em que elas é que representavam o símbolo de toda a forma de governo(...)

"A missão que nos tinham encarregado era de agitar o povo (...) manter os trabalhadores em clima de agitação e permanentemente na rua".

O logro do povo constituía pois uma das armas utilizadas pelos golpistas. Mas para levar adiante o seu intento os conspiradores necessitavam duma justificação teórica. Era preciso intoxicar os militantes do MPLA. E esta não era outra coisa senão um amontoado palavroso de concepções mal-dirigidas de marxismo-leninismo, de que Nito Alves era o porta-voz. Afirmando-se "marxista-leninista autênticos", criaram a sua "antítese", os "socialis-democratas" os "maoístas" os "elementos de direita" no seio da Direcção do MPLA, que nos seus planos estavam votados à eliminação, o ex-Comissário Provincial de Luanda explica:

"Não dividimos os vários membros do Governo em alas. Uma de "direita", uma "moderada" e uma ala de "esquerda". O único membro do Governo que considerávamos de esquerda era o camarada Minerva (Ministro do Comércio). De acordo com o plano traçado por Nito Alves, deviam ser eliminados os elementos chamados de direita: os camaradas Lúcio Lara, Iko Carreira, Onanbue, Xietu, Ludy e Nzaji."

Através de contactos feitos com outros elementos ambiciosos, nomeadamente alguns comissários provinciais, os conspiradores procuraram estender a rede por todo o país, enquanto através de responsáveis do Estado Maior obtiveram o apoio de algumas unidades militares.

"Ficou decidido fazer-se um golpe de estado - declarou Pedro Fortunato - As forças armadas, as unidades contactadas sairiam à rua para o g feito e a população seria convocada para uma manifestação para cujo sentido ela não tinha sido alertada e que serviria para tirar o carácter de golpe de estado à iniciativa.

As massas foram convocadas para fazer uma manifestação para legitimar uma actividade que era meramente militar que era o golpe. Havia portanto elementos infiltrados entre as massas para agitar, elementos que influenciasses as massas a irem para a manifestação..."

O plano visava segundo Manuel Veloso, outro dos implicados "a tomada das cadeias, da Rádio Nacional e do Jornal de Angola. E depois teria de se escolher os homens para a eliminação física dos camaradas Lúcio Lara, Iko e Onanbue".

O "plano" seria, segundo Nito Alves e Van-Dünen para "apoiar a ineu reição das massas" que se haviam de levantar depois das assembleias populares onde se iriam discutir as reivindicações.

Outro implicado, Domingos Francisco, dá outras precisões:

"Primeiro teria de sair o povo a ir fazer manifestação. Esse povo teria de ser coberto, para poder iludir e dizer que o povo é que pretende fazer manifestação. O plano visava mandar o pessoal todo para a manifestação, como carne de canhão, acompanhado pelos homens armados, para qualquer intervenção que houvesse. Era meter o povo à frente, para ser empurrado pelos homens armados até à frente do Palácio.

Depois de tudo isto, então iam buscar blindados para poderem invadir o palácio.

Dalí iria resultar a detenção do camarada Agostinho Neto. Iria resultar a prisão de todos os membros do Governo, membros do Comité Central e do Bureau Político."

"O plano visava matar todos os membros do Governo, o Camarada Presidente e os membros do Bureau Político".

A 27 de madrugada, com efeito dá-se início a execução do plano. A Rádio Nacional é ocupada, a cadeia de S. Paulo é atacada e são libertadas dezenas de criminosos, entre os quais bandos dos grupos FNLA e UNITA e marginais. Muitos porém se recusam a sair, entre eles os mercenários ali cumprindo a sua pena.

Porém, para desencanto dos golpistas, no dizer dum deles, "as massas não apareceram". A "grande insurreição popular" com que sonhavam reduziu-se a um punhado de pessoas empurradas para a "manifestação" na sua ida para o trabalho.

A breve trecho intervinham as FAPLA e o CPPA e ainda durante a manhã a situação encontrava-se controlada.

Contudo, atrás de si os fracccionistas tinham deixado um horroroso rastro da sua acção: barbaramente asassinados foram encontrados os corpos desfigurados de alguns dos melhores filhos de Angola. A aventura nitista saldara-se em muitas dezenas de mortos entre os quais se encontravam crianças, cujo único crime fora o de serem Pioneiros do MPLA.

As quinze horas, o Presidente Neto numa declaração ao país afirmava:

"Nos últimos dois dias, nós debatemos aqui em Angola, alguns problemas, que dizem respeito à nossa vida nacional. Problemas que dizem respeito ao Povo angolano, problemas que dizem respeito ao MPLA e à nossa organização política. Alguns camaradas desorientaram-se. Pensaram que a nossa opção seria dirigida contra eles, que a nossa opção seria contra os seus próprios interesses individuais e de grupos. E portanto, começaram agitar-se.

X

E assim, hoje houve uma certa perturbação, da parte da manhã, aqui no nosso país, e, concretamente, na nossa cidade de Luanda que não cor responde, de maneira nenhuma, aos sentimentos gerais de todo o povo. Nós seguimos ieto. Nós seguimos a agitação que se manifestou. Alguns ca maradas ficaram apreensivos, alguns camaradas não compreenderam bem o que se passava. Mas eu queria dizer a todos os compatriotas, e aos ca maradas, que é necessário não perder a nossa calma quando estamos dian te de tais factos. Porque é necessário nós defendermos esta Revolução.

A Revolução tem de ser defendida pelo Povo angolano. E se não é de- fendida nós vamos perder. Esta Revolução que é defendida pelo Povo an- golano naturalmente tem de recultar em benefício para o Povo angolano, e não para outro qualquer.

E essa manhã o que se pretendeu, o que foi? Pretendeu-se foi demon- strar que já não há revolução em Angola, que já não há revolução porque os fraccionistas tinham sido expulsos do Movimento ou tinham sido afas tados do Comité Central, como o José Var-Dunem e Eito Alves. Será as sim? Eu acho que não. Nós não podemos pura e simplesmente limitar a co tividade do Movimento, a actividade do Comité Central a pessoas cuja ag tividade está, evidentemente, contra a organização, contra a linha uni- tária.

Eu penso, por outro lado, que tudo aquilo que aconteceu hoje, e que poderá repetir-se amanhã, ou depois, é um facto terrível. É terrível porque nós perdemos vidas. Há homens que morreram hoje, há homens e mu- lheres que ficaram feridos. Quem é responsável? Desde sempre nós denun- ciamos a questão do fraccionismo. Porque razão não discutir dentro dos organismos do Movimento os problemas que afectavam este ou aquele sec tor, que afectavam esta ou aquela pessoa? Na prática é assim que nós de vemos proceder. Devemos discutir dentro da organização. Mas não foi es sa a prática que alguns camaradas pretenderam seguir. E portanto; nós ho je confrontamo-nos com esta situação: vamos permitir ou não o fraccio- nismo?

E, ao fim da tarde, retomava a palavra para dizer:

"Esta é uma situação que nos obriga, evidentemente, a tomar deter- minadas posições; que nos obriga a reflectir sobre o que é este fraccio- nismo. Confirma-se desta maneira, embora seja uma maneira ba gstante do lo- rosa, que existe o fraccionismo. Que quando nós tínhamos que havia or- ganizações paralelas no País, dentro do MPLA, nós tínhamos razão. Essas

organizações vêm-se agora, estão claras, estão presentes. E confirma-se, também, a violência que caracteriza a sua actuação, o racismo, o tribalismo, o regionalismo, que caracterizam todas as organizações reacionárias.

Temos, agora, todas as provas. É lamento que nós, só neste momento, possamos dar provas factuais da existência dessa corrente, que actuou sempre contra o nosso Movimento e, principalmente, contra alguns dirigentes do nosso Movimento.

Mas, o que é certo é que tudo isto provoca uma divisão do Povo. Era isto, exactamente, o que nós atacávamos, era isso que nós combatíamos, que sempre combatemos. É que a divisão provoca a violência e a violência conduz a estas situações, que não ajudam ao socialismo no nosso País.

Neste momento - em que nós estamos a combater contra forças que nos atacam do exterior - é muito estranho que os esquerdistas, os ultrarevolucionários venham combater-nos a nós também. É muito estranho...

Que espécie de alianças há? Que espécie de combinações existem?

Esta situação é provocada por ambiciosos, por nossos compatriotas que não quiseram compreender a linha de orientação nacional, a orientação que nós estamos a seguir, que conduz, seguramente, à Unidade Nacional.

Aproveitou-se de tudo, do abastecimento, da falta de transportes, em fim de muitas outras coisas e, finalmente, era para defender duas ou três figuras que hoje não são senão defensores da reacção. Porque ninguém me pode vir dizer que esses camaradas, ou ex-camaradas, estão a defender a Revolução. Estão sim a defender a contra-revolução. Estão a defender a reacção.

E quero também dizer, mais uma vez, que não haverá para aqueles que se introduziram numa luta contra o MPLA qualquer espécie de contemplação, qualquer espécie de perdão. Nós falámos da tolerância aqui há meses. Mas essa tolerância não foi interpretada no seu devido sentido e, agora, não há mais essa oportunidade. Não há mais tolerância. Nós vamos proceder de uma maneira firme, e dura."

Logo no dia 27 eram detidos alguns responsáveis pela intentona. Nos dias seguintes, as forças da ordem e as massas populares em nome das quais os fraccionistas diziam agir, capturaram a maior parte dos implicados.

O próprio Nito Alves que se pusera em fuga ao ver desfeita a sua criminosa veleidade, viria a ser capturado poucas semanas depois, com o auxílio da população.

Foi enorme a perda que o MPLA e o povo de Angola sofreram com mais esta arremetida dos inimigos do progresso dos povos. Perda que bem poderia ter sido maior se a vigilância dos militantes e as estruturas do MPLA não tivesse cortado o passo aos ambiciosos, embora não suficientemente a tempo para evitar o derramamento de sangue. Porque os fraccionistas lograram sensibilizar para a traição muitos elementos, principalmente jovens, seduzidos pela facilidade dos "esquemas de revolução" na aparência teoricamente perfeitos mas que na realidade não passavam de esquemas importados e sem qualquer viabilidade de aplicação à realidade nacional angolana.

Não é impossível que o imperialismo e os seus aliados venham a tentar repetir a aventura angolana em outras latitudes. As ocasiões não faltarão, como não faltarão os potenciais agentes para servilmente executarem os seus planos.

Nos nossos países, na Guiné e em Cabo Verde, cabe principalmente aos militantes do PAIGC, a tarefa importante de detectar e combater quaisquer sintomas que se revelem resultado da acção contra a unidade e a disciplina do Partido, contra a ideologia do PAIGC, contra o pensamento de Cabral, e de que a intriga, a má-língua e os boatos são os instrumentos mais habilmente utilizados.

TELEGRAMA DO CAMARADA ARISTIDES PEREIRA
AO CAMARADA AGOSTINHO NETO

"Em nome do Povo cabo-verdiano, do seu Partido, do seu Governo e em meu nome próprio, quero expressar ao camarada e amigo, assim como ao heróico Povo angolano, à direcção do MPLA e ao Governo da República Popular de Angola, os mais sinceros sentimentos de solidariedade e amizade militante no momento em que os recentes acontecimentos de Luanda provocaram a perda irreparável de patriotas e militantes devotados, como o saudoso combatente, Saydi Mingas.

Causando em todos nós a mais viva repulsa e indignação, lamentamos que os inimigos da paz e do progresso da África tenham levado ao sacrifício máximo alguns dos melhores filhos do valoroso Povo angolano.

Nas por outro lado, reconforta-nos a certeza de que o Povo irmão de Angola, tendo à sua frente o seu grande Partido, o MPLA, dirigido pelo seu corajoso Presidente, saberá mais uma vez desfazer as manobras do imperialismo e seus servidores africanos e prosseguir vitoriosamente a sua Revolução, honrando assim dignamente os seus heróis e mártires cujo sacrifício nunca terá sido em vão.

Como no passado, estamos juntos e estamos certos, de juntos vencermos, lado a lado, sejam quais forem as manobras ou crimes que venham ainda a ser urdidos pelo inimigo.

Reafirmando a sua solidariedade indefectível, seguirá para Luanda, dentro de poucos dias um emissário especial com uma mensagem pessoal.

Reforçando permanentemente a nossa vigilância, para que a luta continue, dizemos com o MPLA, a Vitória é Certa! Mais alta e fraterna consideração".

Ass. ARISTIDES PEREIRA - Secretário-Geral do PAIGC e Presidente da República de Cabo Verde.

MENSAGEM DO CAMARADA ARISTIDES PEREIRA AO CAMARADA
PRESIDENTE AGOSTINHO NETO

Estimado Camarada e Amigo,

Sendo difícil exprimir, por escrito, todos os sentimentos de fraternidade e solidariedade que nos animam - (povo de Cabo Verde, militantes e dirigentes do PAIGC), no momento em que os inimigos da África e do progresso humano, se encarniçam contra o valoroso povo angolano, procurando destruir a sua vanguarda revolucionária, usando os métodos mais

cobardes e criminosos, faço seguir para Luanda o camarada Comandante Herculano Vieira, Membro do CSL e da CNCV do PAIGC, Ministro dos Transportes e Comunicações, afim de, em nome do povo cabo-verdiano, seu Partido, seu Governo e em meu nome próprio, levar ao heróico povo de Angola, seu Partido o MPLA, seu Governo e a si, caro Camarada, a expressão viva da nossa solidariedade indefectível e do nosso apoio incondicional.

Lamentamos as irreparáveis perdas sofridas na pessoa de combatentes e militantes exemplares, que tombaram, nesta nova fase de luta, para que triunfe a Revolução. Mas, também, reforça-se em nós a certeza de que o seu sacrifício não será em vão, e os criminosos serão devidamente castigados, o MPLA conduzirá o valente povo angolano a novas e maiores vitórias, sejam quais forem os sacrifícios a consentir.

Vivemos convosco estas horas difíceis, tal como nas duras guerras de libertação nacional, e convosco estaremos sempre até à vitória final.

Renovando os nossos calorosos votos de cada vez maiores sucessos na vossa obra difícil mas tão exaltante.

Queira aceitar, caro Camarada e Amigo, a expressão dos meus sentimentos de muita estima e mais elevada e militante consideração.

Aristides Pereira

Secretário-Geral do P.A.I.G.C.

Presidente da República de Cabo Verde

TELEGRAMA DO CAMARADA LUÍS CABRAL AO CAMARADA
ACOSTINHO NETO

"Caro Presidente Neto. Os militantes do nosso Partido e o nosso Povo têm seguido com muita emoção as notícias que nos chegam de Luanda sobre a acção criminosa levada a cabo por elementos traidores contra a direcção do MPLA e contra a vossa Revolução.

Exprimindo o sentir unânime da nossa Direcção e do nosso Povo, queremos nesta hora difícil, reafirmar a nossa total solidariedade na tua acção, ao serviço do MPLA, do Povo irmão heróico de Angola e a nossa certeza de que o MPLA sob a tua alta direcção, saberá rapidamente vencer todos os obstáculos erguidos no seu percurso para uma mais rápida construção da Pátria livre, pacífica, progressista, que é o sonho de todos os angolanos.

Reafirmando a nossa solidariedade indefectível e os nossos sentimentos de fraternal amizade, peço que aceite, Camarada Presidente, o nosso melhor abraço militante, a expressão da nossa elevada consideração e estima pessoal. A Luta Continua! A Vitória é Certa!

Ass. LUÍS CABRAL - Presidente do Conselho de Estado da República da Guiné-Bissau.

EDIÇÃO DA COMISSÃO NACIONAL DE CABO VERDE
DO PAIGC